

Editorial

A Psicopatologia Fundamental, distinguindo-se da Psicopatologia Geral, pretende inaugurar e constituir um âmbito de interlocução científica entre detentores de diversos pontos de vista a respeito do *pathos* psíquico.

É, portanto, característica desta tradição elaborar uma compreensão – *verstehen*, como diria Max Weber – daquilo que se refere ao sofrimento, à paixão e à passividade, ou seja, tudo o que faz ou acontece de novo, do ponto de vista daquele ao qual acontece. Quando *pathos* acontece, algo da ordem do excesso, da desmesura, põe-se em marcha sem que o eu possa se assenhorar desse acontecimento, a não ser como paciente, como ator.

A compreensão almejada, entretanto, é científica, ou seja, afasta-se decisivamente da magia, da religião, da ideologia e de formas doutrinárias de pensamento, e aproxima-se com força de uma “razão natural” a respeito dos fenômenos do *pathos* psíquico.

A Psicopatologia Fundamental supõe ser possível, então, uma ciência do homem, no sentido empregado por David Hume (1711-1776) que admite a possibilidade de substituição de uma psicologia do espírito por uma psicologia das afecções do espírito. A psicologia do espírito é impossível; ela não é passível de constituição, pois não pode encontrar em seu objeto nem a constância nem a universalidade necessárias; somente uma psicologia das afecções pode constituir uma verdadeira ciência do homem.

O *Tratado da natureza humana* (São Paulo: UNESP, 2001) mostra que as duas formas sob as quais o espírito é *afetado* são, essencialmente, o *passional* e o *social*. E as duas se implicam, assegurando a unidade do objeto de uma ciência. De um lado, a sociedade reclama, espera de cada um dos membros o exercício

de reações constantes, a presença de paixões suscetíveis de propiciar móbeis e fins, características coletivas ou particulares. “Um soberano que impõe um tributo aos seus súditos”, diz Hume, “conta com sua submissão”. Por outro lado, as paixões implicam a sociedade como meio oblíquo de se satisfazerem. Na história, essa coerência do passional e do social se revela, enfim, como unidade interna: a história tem por objeto a organização política e a instituição, estuda as relações motivo-ação no máximo de circunstâncias dadas, manifesta a uniformidade das paixões do homem. Em resumo e de maneira extravagante, a escolha do psicólogo poderia exprimir-se assim: ser um moralista, um sociólogo e um historiador *antes* de ser um psicólogo e *para* ser um psicólogo. Aqui, o conteúdo do projeto da ciência do homem reúne-se à condição que torna possível um conhecimento em geral: é preciso que o espírito seja afetado. Por si mesmo, em si mesmo, o espírito não é uma natureza, não é objeto de ciência. A questão que se coloca, portanto, é a seguinte: *como o espírito devém uma natureza humana?*

É verdade que a afecção passional e social é somente uma parte da natureza humana. Há outra parte, o entendimento, a associação de idéias. Mas é por convenção que se fala assim, pois o verdadeiro sentido do entendimento, nos diz Hume, é justamente tornar sociável uma paixão, tornar social um interesse. O entendimento reflete o interesse. Se podemos considerá-lo *à parte*, isto é, como parte separada, fazemo-lo à maneira do físico que decompõe um movimento, mas reconhecendo que ele é indivisível, não composto. Assim, dois pontos de vista coexistem em Hume: de uma certa maneira, a paixão e o entendimento apresentam-se como duas partes distintas; porém, em si, o entendimento é tão-somente o movimento da paixão que devém social. Ora vemos o entendimento e a paixão formar dois problemas separados, ora vemos que aquele se subordina a esta. Paixão e entendimento acabam compondo um discurso sobre o *pathos* que, quando psíquico, torna-se psicopatologia.

São essas algumas das razões que nos levam a dizer que a psicopatologia fundamental nasce da clínica psicoterapêutica, ou seja, de uma vivência clínica visando a compreensão da paixão e sua transformação numa experiência, em algo socialmente compartilhável.

A ciência da paixão psíquica pode ser denominada, num primeiro momento, de terapêutica, pois busca a compreensão das afecções do espírito e de sua transformação de uma vivência afetada, isto é, afetiva, em uma experiência.

A compreensão baseada na clínica psicoterapêutica inclui tanto as condições de uma fala expressiva e associativa a respeito do sofrimento, do *pathos*, como a busca de expressões lingüísticas capazes de *transmitir*, de maneira a mais precisa e clara possível, a fala expressiva e associativa numa forma social.

Hoje, a clínica psicoterapêutica lança mão de recursos tecnológicos – os medicamentos, por exemplo – e institucionais – os hospitais, por exemplo – visando a fala expressiva e associativa a respeito do sofrimento, por aquele que sofre, o

paciente. Entretanto, esses mesmos recursos podem servir a outros fins. Calar, por exemplo, o sofrimento de modo a silenciar o *pathos* e excluir a condição de paciente do âmbito social. Neste caso, torna-se impossível a psicopatologia. Ela desaparece enquanto um *logos* a respeito do *pathos* psíquico.

A clínica médica enfrenta, então, um duplo problema: tratar o sofrimento construindo uma psicopatologia.

Essa questão é exemplarmente tratada pelo Prof. Dr. Erney Plessmann de Camargo, que acaba de ser nomeado diretor do Instituto Butantã, e pela jornalista Mônica Teixeira, no artigo publicado neste número da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* denominado “Doenças funcionais”. A especialização médica obstrui o tratamento de certas doenças que não obedecem à lógica da especialização e só uma clínica médica “inespecializada” seria capaz de dar vida inteligente a tais doenças.

Outros artigos deste número abordam essa complexa questão clínica de outras maneiras. Assim, por exemplo, o Prof. Dr. Cláudio Eduardo Muller Banzato examina a questão da taxonomia. É possível classificar as paixões? Como distingui-las em classes? Ana Cristina Figueiredo e Fernando Tenório se debruçam sobre a questão do diagnóstico em psiquiatria e psicanálise.

Seria verdadeiramente enfadonho ficar chamando a atenção do leitor para os excelentes trabalhos publicados neste número.

Entretanto, é indispensável dizer que se trata de um número que reflete, de maneira magistral, a idéia de que a psicopatologia fundamental se constrói por discursos formulados desde diferentes pontos de vista a respeito do *pathos* psíquico e é assim que vai se construindo um saber científico da natureza humana.

*

* *

Este número de nossa *Revista* inaugura o quinto ano de publicação regular e sistemática incluindo artigos em inglês, além de trabalhos em português, em espanhol e, futuramente, em francês. Busca-se, dessa forma, alcançar um âmbito internacional para a *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*.